



INDIVÍDUOS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA E HALTEROFILISMO PARALÍMPICO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO

INDIVIDUALS WITH PHYSICAL DEFICIENCY AND PARALYMPH HALTEROPHILISM: AN ETHNOGRAPHIC STUDY

Luiz Fernandes de Lima
Lúcio Marques Vieira Souza
Marcelo Danillo Matos dos Santos
Felipe José Aidar Martins
gepepsufs@gmail.com

Universidade Federal de Sergipe – UFS. Av. Marechal Rondon, s/n – Jd. Rosa Elze, São Cristóvão – SE

Resumo: Este trabalho objetiva discutir a inserção de indivíduos deficientes físicos num projeto de Halterofilismo Paralímpico. A metodologia utilizada foi a pesquisa etnográfica, aonde foram realizadas as interpretações dos comportamentos dos participantes no contexto social que estavam inseridos. Embora a sociedade tenha em mente que o deficiente físico é um ser que sempre terá que ser ajudado pelos não deficientes, fazendo muitos deles se sentirem incapazes, muitos querem a própria independência. Então, faz-se necessário observar a inserção do deficiente físico e a interação dele com as demais pessoas, sejam com alguma deficiência ou não, e programas paradesportivos são de fundamental importância neste processo.

Palavras-chave: Inclusão; Treinamento de Força; Esporte.

Abstract: This work aims to discuss the insertion of disabled individuals in a Paralympic Weightlifting project. The methodology used was the ethnographic research, where the interpretations of the behaviors of the participants in the social context that were inserted were realized. Although society has in mind that the physically disabled is a being who will always have to be helped by the non-disabled, making many of them feel incapable, many want their own independence. Therefore, it is necessary to observe the insertion of the physically disabled and his interaction with other people, whether they are disabled or not, and sports programs are of fundamental importance in this process.

Keywords: Inclusion; Strength Training; Sport.

1. INTRODUÇÃO

Nosso interesse pelo tema surgiu após observarmos um projeto de extensão da Universidade Federal de Sergipe – UFS, denominado de Halterofilismo Paralímpico e iniciado no ano de 2016, e que atualmente conta com 30 participantes cadastrados no SIGAA – Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas.

Ao estudarmos os tipos de metodologias que poderiam ser aplicadas, deparamos nos com a pesquisa etnográfica e percebemos que a sua aplicação na Educação Física poderia representar uma nova forma de interpretação de dados.

Desta forma, propomos realizar este estudo com a intenção de verificar a inserção de indivíduos com deficiência física num programa paradesportivo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

2.1. DEFICIÊNCIA

A deficiência física é vista de diversas maneiras diante de uma sociedade, sendo que o indivíduo deficiente, a depender do grau dessa deficiência, certamente irá encontrar grandes dificuldades (OMOTE, 2004; GLAT, 2006).

O indivíduo que até então era considerado normal, tem sua vida modificada por consequência de uma lesão, sendo que essa lesão causa não só traumas físicos, mas também psicológicos, quer queira quer não, o indivíduo que desempenhava suas funções do dia a dia e passa a encontrar dificuldades para ir ao banheiro sozinho ou até mesmo comer, entra em estado depressivo (SANTOS et. al, 2009).

No entanto, indivíduos deficientes são cada vez mais inseridos em programas paradesportivos, que tem o objetivo de tirar esse deficiente físico do sedentarismo, melhorar sua qualidade de vida, interação social, autoestima entre outros (BRAZUNA e CASTRO, 2001; MARQUES et al., 2009).

2.2. HALTEROFILISMO PARALÍMPICO

Segundo Nascimento et. al (2012), com o fim da 2ª Guerra Mundial, o grande número de combatentes que sofreram graves lesões corporais tomou conta dos países europeus que participaram do conflito. Essa nova realidade influenciou o início de um trabalho de reabilitação médica e social de veteranos de guerra. São essas as raízes dos esportes paraolímpicos, que por meio da prática de atividade esportiva, é possível restabelecer a saúde física e mental do indivíduo.

A diferença básica do halterofilismo tradicional consiste em aspectos de técnica desportiva. Enquanto a modalidade olímpica desenvolve a força explosiva com movimentos de arranque e de tempo, no halterofilismo paraolímpico desenvolve a força máxima (ANDE, 2017).

No halterofilismo para atletas com incapacidades adotam-se como movimentos de competição duas variantes do clássico “press de banca” muito conhecido no mundo dos pesos e do treinamento em geral. Estas variantes são o power lifting para os desportistas com paraplegia ou poliomielite (ANDE, 2017).

2.3. PESQUISA ETNOGRÁFICA

De acordo com Oliveira e Daolio (2007), um estudo etnográfico é alusivo à construção de uma ponte que une dois lados de um mesmo território, a teoria e o cotidiano. No entanto, uma ponte que não representa apenas um caso particular de uma determinada realidade nem uma lei geral explicativa da mesma. Não é possível uma boa etnografia sem a ligação entre teoria e cotidiano, uma vez que a primeira deve subsidiar a observação, enquanto esta deve recorrer às explicações teóricas. Esse processo é dinâmico e de mão dupla. Uma teoria sem observação resume-se apenas à compilação bibliográfica de alguns autores; uma observação sem teoria resulta em descrição bruta.

3. A ETNOGRAFIA NO PROJETO DE EXTENSÃO HALTEROFILISMO PARALÍMPICO

Em conversa com um deficiente físico que faz parte do programa, cuja sua lesão foi causada por queda e tendo por tanto uma fratura na coluna, ocasionando a paraplegia, relata que no momento em que aconteceu o acidente, a primeira coisa que lhe veio em pensamento foi justamente sobre a fratura de uma das vértebras da coluna, quando não sentia mais suas pernas. Naquele momento ele disse que preferia a morte a esse tipo de lesão, falava: meu Deus, não! Por favor! Tudo menos isso! O desespero foi total quando não conseguiu mover suas pernas.

Por questões éticas, sendo não autorizado a divulgação de seu nome, vamos adotar um nome fictício para essa pessoa, iremos chamá-la de Gustavo.

Gustavo ficou cerca de quatro meses trancado em seu quarto, com as janelas fechadas, não queria ver ninguém, nem seu próprio filho, que na época do acidente, ainda era pequeno. O tempo foi passando e Gustavo passou a aceitar suas limitações, passando por processos de reabilitação física e psicológica e aos poucos foi sendo reintegrado na sociedade. Foi um processo muito complicado, afirma. Ele relata que a pessoa que observa o deficiente, não imagina as dificuldades enfrentadas no dia a dia, desde a hora de sair de casa, até a hora de dormir. Muitas vezes o deficiente físico busca a independência, afim de não depender tanto da ajuda de outrem, não porque ele não gosta de ajudas, mas por se sentir realizado a fazer alguma coisa que antes não era possível, sendo por tanto indispensável essa ajuda na época e agora ele o faz sozinho, sem dúvida, um grande passo na vida do deficiente é conseguir sozinho, desempenhar funções da vida diária, no entanto faz-se necessário fazer uma ressalva. Os deficientes citados neste trabalho foram pessoas saudáveis, que por lesão traumática, vieram a apresentar deficiências.

Alguns atletas de paradesporto, encontram nessas práticas para desportivas, motivação para nunca desistir da vida e continuar seguindo em frente em meio às dificuldades. Essa afirmação fica bastante evidente quando perguntamos sobre o paradesporto e o que essa prática representa na vida desse indivíduo.

Quando esses atletas são inseridos no âmbito para desportivo, passam a encontrar no para desporto pessoas com deficiências semelhantes ou até mais severas. Isso contribui para que o indivíduo com deficiência perceba que não existe somente ele naquelas condições, e que mais pessoas estão na mesma situação e passam pelas mesmas dificuldades todos os dias. Os deficientes também encontram motivação a partir da troca de experiência com aquele que se encontra na mesma situação, experiências das quais poderemos relatar. Geralmente observamos o deficiente físico com olhos de tristeza, pena, entre outros.

Um dos para atletas do projeto de extensão, chama a atenção pelo fato de demonstrar alegria e ser bastante sorridente, sendo praticamente despercebida a sua limitação, o que de fato é interessante. Esse paraatleta foi lesionado por arma de fogo e quando perguntamos acerca do seu tipo de lesão, ele não demonstra nenhuma dificuldade em falar sobre o caso, mas também sabemos que muitos não gostam de responder a esse tipo pergunta, que muitas vezes se torna torturante lembrar do ocorrido.

Perguntamos a respeito do seu agressor, qual o sentimento em relação a ele e sobre uma oportunidade de vingança, se o faria. A resposta foi surpreendente, ele fala que primeiramente agradece o fato de estar vivo e que nunca perdeu a fé nas coisas nem a esperança. “Se hoje estou vivo, foi porque Deus me deu uma nova

chance para continuar aqui na terra”, apesar de suas limitações, ainda tem muitos sonhos a serem realizados, sendo um deles alcançado recentemente, no qual obteve o ingresso em uma faculdade particular.

Percebemos que depois que o deficiente físico passa a ter um maior contato com pessoas, não só deficientes, pessoas de um modo geral, as dificuldades imensas são apenas um detalhe. Demonstrando serem capazes naquilo que se prontificam a fazer.

Sobre a questão da acessibilidade, muitos reclamam de não encontrar rampas onde deveriam ter, dificultando ainda mais a vida deles, sendo que os paraplégicos utilizam como principal meio de mobilidade, a cadeira de rodas.

Partindo dessas dificuldades encontradas no dia a dia, muitas vezes na qual o deslocamento para o local de treinamento, perde-se muito mais tempo que o treino propriamente dito. A pergunta que surge é a seguinte... qual o valor que o paradesporto representa na vida desse deficiente? Acreditamos que muitos não conseguem mensurar esse valor que o paradesporto traz para a vida deles. A partir daí surgem diversas perguntas.

Então surgiu a ideia de realizarmos uma entrevista semiestruturada com um estudante de educação física participante do projeto de extensão do Halterofilismo Paralímpico que teve lesão medular traumática por projétil de arma de fogo (PAF), lesão na vértebra T8, configurando uma paraplegia total. Tivemos cuidado acerca das indagações, por se tratar de uma lesão ainda um pouco recente na vida dele. Fizemos oito perguntas, falamos que se tratava de uma etnografia, deixei-o ciente em relação ao tipo de estudo do qual se tratava.

Abaixo seguem as perguntas destacadas em negrito, com as devidas respostas:

1-O que mudou em sua vida após sua lesão?

“Mudou tudo, mudei até de cidade (sorriu). Mudei de cidade para buscar tratamento, na realidade, comecei uma nova vida que hoje em dia considero até melhor que antes...passei um ano deitado, não conseguia me levantar, dependia dos outros para fazer tudo. Recebi apoio da família, alguns amigos e comecei a fisioterapia e a cada pequeno avanço, um motivo para comemorar”.

2-Como foi o processo de reabilitação?

“Foi muito demorado para conseguir alguns avanços, vibrei muito quando conseguir ficar sentado pela primeira vez após a lesão, um processo que demandou tempo e paciência, sofri muito nessa fase”.

3-Quais foram as dificuldades psicológicas que você enfrentou após a lesão?

“Entrei em depressão, não queria fazer mais nada em minha vida... passei por várias dificuldades... cheguei a pesar 40kg nessa época”.

4-Como você enxerga sua vida antes e após ingressar nas práticas esportivas após a lesão?

“Minha vida só melhorou. Na verdade, não comecei praticando esportes, pratiquei apenas musculação. Ganhei força, resistência, me sinto mais disposto,

antes ficava cansado facilmente. O esporte contribuiu para eu ter uma certa independência, embora ainda dependesse dos outros para algumas coisas, já conseguia fazer a transposição da cadeira para cama e vice-versa, sozinho. Não há nem o que se comparar, totalmente diferente”.

5-Hoje você viveria sem praticar esportes?

“Jamais, moro no Marcos Freire 2. Pegava três conduções para vir treinar aqui na UFS, passava cerca de duas horas para chegar aqui, justamente porque para mim, vale muito a pena. Se hoje sou feliz, o esporte contribuiu para isso. Não imagino mais a minha vida sem praticar esportes (sorriu)”.

6-Como você se sente diante de pessoas andantes?

“Me sinto normal, não vejo nenhum problema. Eu sei das minhas limitações e tenho consciência disso, mas apesar de tudo, fico bem tranquilo”.

7-Com relação ao seu grupo de amizades, continuam os mesmos após a lesão?

“A cara, muitos sumiram, na verdade, praticamente todos daquela época, até mesmo parentes, restam apenas três grandes amigos que ficaram do meu lado até hoje... Muitos me veem e falam, às vezes até converso, mas nada de muita proximidade, falam principalmente por redes sociais”.

8-Você continua frequentando os mesmos lugares após a lesão?

“Então, até pouco tempo, sim... bebia, ia para a balada, enfim, tudo que geralmente um cara da minha idade faz. Hoje não bebo mais, nem vou para show. Me tornei evangélico, vi que não tinha mais sentido para mim continuar a fazer essas coisas”.

4. CONCLUSÃO

Quando o deficiente físico é indagado sobre qual é sua maior dificuldade enfrentada no dia a dia, ele responde que é justamente o fato de depender de alguém para realizar funções que anteriormente eram consideradas simples. Embora a sociedade tenha em mente que o deficiente físico é um ser que sempre terá que ser ajudado pelos não deficientes, fazendo muitos deles se sentirem incapazes, é apropriado que cada um tenha a sua personalidade, porém a maior parte quer independência. Importante observar de que forma o deficiente físico interage com o indivíduo em condições ditas normais, e como ele discerne o outro indivíduo com deficiência ou não da mesma maneira, não direcionando seu olhar para o “corpo deficiente” e sim para o indivíduo como um todo, como ser humano. Portanto, a inserção em programas paradesportivos além de promoverem benefícios a saúde, também atuam como inserção e inclusão social para os deficientes físicos.

REFERÊNCIAS

ANDE, Associação Nacional de Desportos para Deficientes. Halterofilismo. 2017. Disponível em <http://www.ande.org.br/halterofilismo/>. Acesso em 23 de maio de 2017.

BRAZUNA M.R; CASTRO E.M. **A Trajetória do Atleta Portador de Deficiência Física no Esporte Adaptado de Rendimento**. Uma Revisão de Literatura. Rev. Motriz, [s.l.], v. 7, n. 2, p. 115-123 Jul/Dez 2001.

DE OLIVEIRA, R.C; DAOLIO, J. **Pesquisa Etnográfica em Educação Física: uma (re)leitura possível**. R. bras. Ci e Mov. 2007;15(1): 137-143.

DOS SANTOS, E. S. **Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas**. Féliz Díaz, Miguel Bordas, Nelma Galvão, Theresinha Miranda, (organizadores). Salvador: EDUFBA, 2009. 354p.

GLAT, R. **A integração social dos portadores de deficiência: uma reflexão**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 3ª edição, 2006.

MARQUES R.F.R et al. **Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea**. Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v. 23, n. 4, p.365-77, out./dez. 2009.

NASCIMENTO, J. P et al. **Halterofilismo Paralímpico**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 16, Nº 164, Jan de 2012.

OMOTE, S. **Estigma no tempo da inclusão**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, Set.-Dez. 2004, v.10, n.3, p.287-308.